

# **A POÇÃO DO AMOR**

**Por Joseph Taigen**

## *Primeiro Capítulo*

Eulália Iemanjá estava perto da morte. Nos arredores de Lisboa, exercia a profissão de bruxa, aconselhando os clientes sobre males do espírito e do corpo. Manou Artides a visitara imbuído de curiosidade científica e padecendo também de um mal estranho à sua própria existência. Sua filha, Noémia Iemanjá, mostrara-se em todo o seu esplendor ao interromper a consulta para dar o número da conta bancária onde se iria depositar o dinheiro. Artides ficou com o seu número de conta e conseguiu junto de um amigo bem colocado em instituições bancárias, a sua morada e número de telefone. Um dia, pois, resolveu telefonar-lhe. Contava não que Iemanjá lhe curasse dos males, mas sim Noémia, Iemanjá também todavia. Apresentou-se como amigo de um conhecido comum e adiantou que precisava de lhe falar a sós, pois era detective privado e ela corria perigo de vida. Ela ficou espantada e talvez um pouco assustada e isso só aguçou o seu desejo. Então combinaram encontrar-se num café da capital, ali para os lados da rua Augusta, onde ela não pudesse desconfiar de nada. Todas as suas considerações políticas e morais sobre o mundo contemporâneo estavam suspensas. Decidira deixar todos os casos e interessar-se só por aquele, enquanto pelo menos não tivesse a certeza de que alguém não a quisesse manipular. Ele tinha 26 anos e estava no auge da sua saúde quando resolveu ir à consulta de uma bruxa e ficara enamorado pela filha dela. Ela haveria de o curar, seria ela a minha Iemanjá. Este era o seu caso isolado. De modo que veio a descobrir que ela vivia na margem sul do Tejo. Fez algumas viagens de barco para acompanhar o seu dia a dia de estudante de Psicologia. O que levaria uma estudante de Psicologia a ter uma mãe tão bruxa ou o contrário?...Porque correria ela perigo de vida? Porque lhe confessou ela que recebia cartas anónimas escritas à máquina, uma máquina antiga, talvez uma Messa, pensava ele, mas não podia ser, as ameaças eram brandas demais, apenas exigiam que ela se encontrasse com o seu autor em determinado local, por sinal um local público e que a iria matar. Mas matar de quê? Deixou de lado muitos processos de mulheres e homens, de mulheres interessantes com quem se envolvera. Ele não era, tinha consciência disso, um detective amador, mas um detective dos sentimentos, das traições, dos crimes de paixão, acontecessem eles em casa ou em pleno parque de Saúde de Lisboa. Assim foi que se encontrei com Noémia Iemanjá no dia 16 de Julho de 1996, num café da rua Augusta. Ele chegou 15 minutos antes do tempo, para apreciar o ambiente em que lhe diria as primeiras palavras e perceber se não havia perigo nenhum da parte suspeita do autor das cartas anónimas, ele podia ser um tarado qualquer ou mesmo um detective que fazia o mesmo que ele. Mas ele só tinha consciência de que nada de mal ou anti-ético estava a fazer, mesmo do ponto de vista filosófico ou religioso. Havia alguns estrangeiros falando inglês e alemão. Uma mulher nova amamentava o bebé, parecia ser estranho naquela altura na própria Rua Augusta. Pelas roupagens viu que era cigana. Noutra mesa um casal de idosos bebia o seu café matinal, o empregado andava num

corrupio entre as mesas e o balcão, descansando de quando em vez em frente do alçado principal. Estas coisas, pensava, estas coisas do amor, no caso era apenas o amor à primeira vista que estava e causa talvez, tinham o seu quê de sinuoso e intuitivo. Assim estava ele pensando quando chegou Noémia, com um vestido creme denotando os seios firmes e volumosos, balanceando as ancas enquanto andava na minha direcção indiferente, o cabelo ruivo, os olhos verdes vivos. Noémia era o que se chama um monumento de mulher. De modo que ele estava atónito mais uma vez, talvez pudesse dizer que se apaixonara de novo à primeira vista, pois não a via há já alguns meses. Contudo, seguia a sua vida pelos seus meios de detective, pelos seus conhecimentos junto dos bancos e dos polícias, junto das finanças. Conhecia a sua vida e seus hábitos provavelmente melhor que ela própria. Não lhe pareceu assustada ao chegar. Sentou-se, pediu um sumo de ananás e deu-lhe um aperto de mão cordial, saudando-me com um Olá, bom dia. Dali a pouco puxava já de um cigarro e começava a falar. Estranho, ele é que devia de estar falando do seu interesse em ajudá-la de como de facto a poderia ajudar. Às tantas ela já me descrevia os seus hábitos sexuais e ele disse, Espere, ele tinha algo de importante para lhe dizer. Fomos caminhando pelos Terreiro do Paço e ele lhe falando que de facto ela corria risco de vida, que ter mãe bruxa não é fácil, dizia-me ela, estes trabalhos do espírito dão cabo de nós. Foi aí que o seu lado religioso veio ao de cima e continuou escutando Noémia falando de sua vida. Senhor detective, preciso de sua ajuda, estas cartas estão dando cabo da minha vida. Só quando estávamos a almoçar é que pôde enfim dizer-lhe como havia de reger o seu comportamento de forma a caçarmos esse autor de cartas intimidativas como aquelas. Chegámos junto a um banco de um jardim longitudinal e pediu-lhe que se sentassem. É certo que ele nessa altura já a sentia na mão de alguma maneira, mas não era sua intenção abusar disso, afinal ela ainda estava assustada. Foi então que começou a falar-lhe como deveria agir. Olhe, informe-se sempre que vier a fazer alguma coisa que julgue arriscado. Tem aqui o meu número, telefone-me sempre que precisar. Encontrar-me-ei consigo sempre que precisar. Ele não a podia controlar, apenas a podia seguir, ela não sabia que ele estava no duplo papel de detective e apaixonado. Contudo, tinha de descobrir quem era o autor das cartas.

## *Segundo Capítulo*

O seu pensamento estava ocupado muito tempo durante o seu dia com aquela mulher, não que não tivesse óbvias preocupações políticas ou sociais, familiares também. Tinha vontade de dizer no próximo encontro que estava farto de ser detective e queria ter uma vida de reconhecimento social, não que não o tivesse enquanto detective, só que não era aquilo com que sonhara. O que sonhara seria ter uma família normal, um emprego, expectativas que me permitissem continuar a alimentar a esperança de viver, a fé nalguma coisa, na reprodução de si próprio. Era isto que mais o preocupava, arranjar uma parceira para fecundar que tivesse qualidades. Tinha andado como um beija-flor todo o tempo e nem sequer me podia dizer realizado. Mas chega de confissões. Ele simplesmente tinha um alvo em movimento, sabia tudo sobre aquela mulher, mas estava de alguma maneira do outro lado e queria entrar em acção, fazer num esforço tudo o que não fizera durante décadas. No meio de tudo isto, o que ele mais queria era contemplar um corpo, conviver com ele, não queria aprisionar mulher nenhuma pelos seus pensamentos, porque não queria sufocar ninguém, contudo nem ele sabia o que o esperava. Todos desejamos uma mulher ideal e por isso perdemos bastante tempo. Há quem não perca tempo, talvez. Ele, para mal dos seus pecados, estava transformando-se em algo assim. A vida e as suas investigações eram abertas a todas as possibilidades. Talvez ele projectasse os seus desejos, as suas frustrações, tudo, naquela mulher. Assim sendo, estava se tornando obsessivo, preocupado. Talvez devesse tirar umas férias. Mas isso, sabia-o ele, nunca poderia acontecer. Mas ele nunca resumira a questão à procura de uma mulher. Contudo, era essa a superfície das coisas, a imagem que ele transmitia aos seus amigos e conhecidos. Sentia-se bem nessa pele, embora se arriscasse a enlouquecer ou levar uns murros ou tabefes de algum macho mais dominador. Definia-se naquela altura como um pavão. Resistira a muitos ventos da consciência e por acaso ou necessidade havia sobrevivido. Era isso que mais o intrigava. Era isso que ele queria tirar a limpo. De maneira que combinou um segundo encontro duas semanas depois com Noémia Iemanjá. Agora preferia um ambiente mais intimista. Ela não contaria os seus desejos sexuais, mas algo de razoavelmente banal que podia ser a sua expectativa de como viver o resto da vida e o que pensava ela sobre a hipótese de o nosso possível amor oferecer a vida eterna. É claro que como todo o detective, ele era mais ou menos perfeccionista. De modo que telefonou a Noémia numa quarta-feira, eram 9 horas da noite. Ela devia de estar em casa, só ou acompanhada, provavelmente já fizera amor com outros bastantes homens, mas ela ouvia-o, não fosse ele a pessoa a quem confiara os serviços de guardar pela sua vida em risco. Apesar de ser uma mulher independente, sabia distinguir um homem com senso que sabia o que queria. Isso de algum modo era obsessivo, podia-se interpretar. Contudo, era essa fidelidade que ele

procurava numa mulher. Ela atendeu ao terceiro toque, o bastante para lhe dar a pensar algumas palavras de circunstância antes de ir direito ao assunto que me interessava. Quanto mais avançamos na idade, apercebemo-nos que o conhecimento traz medo e insegurança se não for partilhado e não tiver uma auréola de êxito. Contudo, ele não era sádico, abominava o sofrimento como a coisa mais injusta dos direitos do homem. Mas ele não se podia preocupar mais comigo mesmo. À minha volta, enquanto ele estava absorvido com o caso, pessoas procuravam a morte, na vertigem das estradas portuguesas, outras fugiam a ela, era uma guerra anónima e com inumeráveis baixas de ambos os lados. Contudo, confessava a minha indignação quanto a esse respeito, fazia muito tempo que não conduzia. Também para ele a estrada era uma guerra. Uma guerra para conquista das melhores fêmeas. Aprendera isso na escola, na universidade, com as cabeçadas da vida. Contudo, o seu interesse por Noémia Iemanjá não era, dentro das minhas capacidades, uma hipótese infinita. Havia limites e se ela sabia bem o que procurava, também ele o sabia. Mas nada tinha a perder e o que começou por ser despreocupado passou por um estado de autêntica batalha do amor em que ele só queria desempenhar o papel que lhe era atribuído. Contudo, estava disposto, ao fim de vinte anos de profissão, a fazer algo de diferente, a levar aos limites do concebível o exercício da sua profissão, para que não ficasse agarrado a um slogan de apresentação face às pessoas, conhecidas ou não. Seja como for, combinaram o seu próximo encontro. Iria ser em casa dela. Ele estava em pulgas. Nunca tinha estado com uma mulher, com desejos de encontrar amorosamente uma mulher, em terreno estranho. Ele tratava bem do seu território, contudo o que o diferenciava dos outros homens talvez fosse o facto de actuar sozinho o que poderia parecer algo estranho aos olhos dos outros, como se fosse um qualquer animal misógino. Ele era o autor de qualquer coisa, que embora não fosse ilegal, era tremendamente obscena e imoral. Contudo, não pressentia estar ofendendo uma divindade em que acreditasse por hipótese. Muito pelo contrário, a divindade revelava-se no rosto dos outros, de múltiplas maneiras.

## *Terceiro Capítulo*

Em um dia de Dezembro desse ano Manou Artides dirigiu-se a casa de Noémia Iemanjá. Eram 8 horas e um quarto quando chegou à soleira da sua porta, tendo feito a última parte do trajecto, de metro até à sua casa, andando. Tocou à campainha. A casa era branca, com tons de castanho, fazia lembrar um gelado de baunilha e coco. Viu acender-se a luz da soleira e ela surgiu, só que desta vez não tinha nenhum vestido do género do primeiro encontro, mas uma ticherte e calças de ganga e o cabelo solto. Estranhou. Mas não disse nada. Afinal de contas ele talvez fosse mais um que entrava, de modo inusitado, na sua vida. Tome qualquer coisa, vou-me vestir, disse ela. As imagens que Artides tinha daquele dia não eram as mais convenientes, parecia que andava a pedir desculpa a toda a gente por existir, por não ser cego, por ter desejo. No entanto, o que o mundo lhe oferecia aos olhos era absolutamente desolador. Na maior parte dos seus casos, casos sentimentais, observava gravações de pessoas fazendo sexo e concluíra que as pessoas simplesmente não concebiam certas coisas, que não saíam dos seus velhos hábitos tradicionais, passando o tempo a queixar-se, dizendo mal de tudo e construindo pouco. Por vezes, muitas vezes, tinha essa chicotada psicológica moral a atentar-lhe o juízo. Ele simplesmente tinha sobrevivido a qualquer coisa. Queria saber por que é que tinha sobrevivido. Era tempo de aplicar os seus conhecimentos, fossem de que ordem fossem eles, em alguma coisa de útil e positivo. Contudo, Noémia era filha de feiticeira. Mas como todos os detectives, ele arriscava até a minha própria saúde psíquica para saber algo mais sobre os humanos. Não sabia se era ético fazer tal coisa. Contudo, o obsceno rodeava-me por todo o lado, como um urso ou um jacaré, pronto a apanhá-lo num momento de maior distração. Estava pensando nestas coisas enquanto ouvia alguma música jazz, que colocara no ar da sala de estar. De qualquer maneira, não estava preocupado com a impressão que poderia causar sentimentalmente nela, nem que fosse patético. Estava fazendo o seu trabalho e alguém lhe perturbara os dias calmos tirando-me de casa ainda por cima num dia em que estava para conseguir um emprego numa empresa de biscoitos. Quando ela entrou ele estava de costas, quando se virou ela pareceu-lhe deslumbrante. O mesmo vestido creme que trouxera no primeiro encontro. Só que dessa vez parecia que tinha brilhantina, dourada, brilhava e iluminava toda a sala. Sentaram-se e começaram a jantar. Ela foi falando, nunca lhe deixou dizer o que realmente sentia por ela. Porém, sentia-se agraciado por aquela presença luminosa. Por uma noite podia estar com uma mulher sem preocupações, sem ter receio, havia ali um éla vital, sem ter receio que o quebrasse quem chamasse ao telefone ou tocasse à campainha. Todas as imagens adquiridas no visionamento de cenas obscenas poderiam varrer-se da sua mente com o carinho daquela mulher. Talvez. Mas ele próprio sabia que não era assim tão fácil. Afinal Noémia era filha de

bruxa mas ele talvez precisasse de uma exorcista, mais do que um especialista da mente. Conversámos durante o jantar sobre o seu dia-a-dia, sobre como se sentia ao sair à rua, para a faculdade e o trabalho. Naquela altura, Noémia Iemanjá estudava psicologia e trabalhava numa reprografia à noite. Nada de assinalável. Tinha um emprego modesto tendo em vista as suas aspirações e capacidades. Podia estar numa grande empresa, como relações públicas, mas simplesmente porque gostava de livros escolheu aquele emprego, que ocupava em tempo-parcial. Os dinheiros que a mãe ganhava nos trabalhos e nas cartas, dizia ela, davam-lhe para pagar as propinas e para medicamentos e idas constantes ao psicólogo, era filha única e levar vida praticamente nas margens da sociedade não era fácil. Contudo, enquanto ela falava de si, ele continuava a pensar que nesse país haveria uma confraria de um número reduzido de homens e talvez mulheres, talvez uma dúzia, que governavam as nossas mentes e se aproveitavam de algum modo dos nossos pensamentos e isso é que o preocupava. Não queria que Noémia caísse nessa teia. Eram os telejornais, as capas de revistas de acontecimentos, certos encontros ou festas do Jet-Set português. Ambiciosa como era, Noémia não perdia uma oportunidade para se exibir e esse palco era para ela o mais apropriado. Mas aí podia ser mais facilmente manipulável pelo autor das cartas e ser vítima de um verdadeiro atentado. E ele não queria que isso acontecesse. Podiam ter feito amor naquela altura e mesmo que o tivessem feito, Artides questionava-se se iria perturbar a investigação. Preferiu antes tentar encontrar o autor das cartas.

No dia seguinte, seguiu Noémia até ao restaurante onde ela ia almoçar na pausa do seu emprego. À noite tinha de acompanhá-la à faculdade, onde teria uma breve conversa com ela. Não queria que fosse vistos em público para não dar oportunidade ao autor das cartas. Nessa mesma noite ela mostrou-lhe uma das cartas, que era cada vez mais intimidadora. O conteúdo da carta era deveras revelador não só de uma pessoa desequilibrada mas dos tempos que viviam. Apelava a heranças, a propostas sexuais, sob pretexto de que o autor, tendo uma posição elevada na sociedade, não hesitaria em usar. De modo que à noite, na faculdade, tomaram um café e conversaram veladamente. No dia seguinte, via-a mirando uma montra de roupa e estive para seguir. Ela tinha mudado a cor do cabelo. A sua investigação parecia cada vez mais intrincada. Ele nessa altura pensava em deixar de fumar, por respeito ao mundo e a si próprio, mas de um maço estava já fumando um maço e meio, o seu desejo sexual era cada vez mais raro. Não sentia o desejo dos vinte anos, que tanto abafou por entre lençóis, rangendo os dentes. Ele tinha uma irmã que o acompanhar nos tempos de apuro e dificuldade psicológica, quando estava tentando revelar-se a uma cidade que afinal de contas era a capital do seu país. Desejara por várias vezes permanecer um tempo noutra país, contudo Portugal ainda estava por ser descoberto. Portugal não é um conceito uniforme, não é um país ou uma língua, mas uma saudade, uma forma de pensar e sentir. Seja como for, ele estava para ter seguido aquela mulher loira, porque sentira que ela se tinha sentido interessada em si. E disto tinha ele pouca

consciência, de alguma mulher se sentir interessada em si. Simplesmente não acreditava. Tinha uma ideia vaga do que é o amor entre duas pessoas, contudo perseguia as mulheres que habitavam o seu espírito nos seus sonhos, ao longo dos seus dias e esquecia-as nos filmes. Talvez estivesse tentando provar a si próprio como o tempo não volta atrás e não adianta estarmos agarrados a memórias do passado, sejam elas boas ou más e que temos de perdoar antes de mais a nós próprios antes de perdoar aos outros, talvez. De modo que ele devia ter seguido aquela mulher, mas não sabia até que ponto se iria aventurar. De modo de que de todos os seus pecados o mais infame era ver. Fosse ele cego talvez se orientasse melhor neste mundo do olhar. Estava para compreender as verdadeiras razões de Estado que ali importavam. Saberia que um dia, ao fim de tantas cabeçadas, haveria de chegar a uma conclusão. Triste ironia, chegar a uma conclusão quando não se pode voltar atrás. Tudo isto levanta a questão da educação e dos inícios que temos nas nossas vidas, que tão importantes são para que nos aguentarmos ao longo do campo de lírios frágeis que somos, mais do que lírios, num campo sulcado, onde ervas daninhas convivem com girassóis e couves. Desconfiava que havia um mundo para lá desta obsessão por Noémia que o impedia de viver a sua vida. Seja como for, ele não suspeitava de poção alguma contra mim. Contudo, interrogava-se no contexto das ciências humanas, de como cada uma tinha o seu cariz e às quais podíamos recorrer de vez em quando ou melhor, sempre que precisássemos. Ele afinal tinha consciência do que se estava a passar consigo, vivia a sua situação como se fosse egocêntrico e tivesse todos os defeitos. Contudo, estava longe de ser um homem perfeito. E havia na sua clandestinidade um sentimento ainda de injustiça, como se não chegasse o sentimento de culpa, sentimento que se iria em breve transformar em revolta. Contudo, nunca quisera ter feito mal a alguém. Mesmo assim, havia truísmos que cultivava contra o seu povo por ele o ter jogado à indiferença e porque simplesmente havia coisas que deviam ser discutidas e não o eram. O seu lugar na sociedade não era fixo, ele era um aventureiro com pouco dinheiro, vivendo da bondade de algumas pessoas que ainda permitiam que habitasse nas suas casas e tivesse sexo porque não podia adiar a coisa. Cada vez mais se descobria como estrangeiro na sua própria terra e estava agarrado a um discurso na primeira pessoa, absorvido com o seu caso. Mas, como todo o detective, estava disposto a ir até ao fim, quanto mais não fosse por Noémia ter recursos para pagar a investigação até ao fim. Mas o que era o fim? Seria a vida ou a morte? A sua morte? A personalidade do autor das cartas confundiam-no deveras e achava que ele poderia ser um tarado sexual com um desejo mórbido de mulheres invulgares, como eram as ruivas na sua terra. Ele tinha apenas um recurso – as suas cartas não tinha ainda uma pessoa que pudesse seguir. Em tudo isto estava a aplicação da justiça pelos meios mais convenientes e eficazes. Ele naquela noite de Setembro, tinha ainda brio profissional para tirar as suas conclusões ele gerava hipóteses sobre a sociedade em que vivia. Isso fazia bem ao seu ego, contudo não raro se achava em pouca conta, sendo afoito à vida em sociedade. Tinha a sua casa nos arredores da grande cidade. Por tudo aquilo que via, concluía

que a solução para os problemas pessoais e sociais não estava não na economia, mas na religião e na sexualidade. Acreditava que se a pornografia pudesse ser controlada e a religião pudesse ser canalizada para fins sociais poderíamos não ter uma sociedade utópica, longe estava de utopias porque a realidade lhe mostrava tantas discrepâncias, que poderíamos ter um país mais justo, mais tudo de bom. No entanto, estava longe de chegar a uma conclusão convincente, se é que tinham de ser convincentes todas as conclusões. Talvez estivesse a confundir a sua vida com a da sociedade em geral, com o conceito de sociedade, talvez tivesse pouco fôlego já para coisas sociais ou antropológicas, contudo algum destino na minha vida de detective o esperava e contava chegar pelos anos a algumas conclusões que não lhe dessem fama mas fossem úteis para os outros que haviam de vir visitar a minha campa. No entanto, sentia-se simultaneamente seduzido pelas imagens da sociedade contemporânea e seus ideais e chamado para uma vida mais previsível, onde houvesse lugar ao amor. Não admitia ser traído e quando via Noémia fazendo amor com outros sentia-se extremamente traído, como se estivessem cravando uma lança no seu coração de vivente. Foi o que aconteceu numa dessas tardes de Setembro quando inadvertidamente passei por sua casa. Os seus gemidos e palavras no auge do desejo excitavam-no bastante mas ele não podia ficar ali vendo o objecto do seu desejo sendo violado. Contudo encontrava-se num dilema: se uma mulher não pode ser nossa propriedade, como evitar que ela permita o avanço de outros homens? Numa palavra, como ter o amor de uma mulher até ao fim dos nossos dias? Ele não estava fazendo nada de novo, talvez desse demasiada importância ao acto sexual, mas quem não dá? Porque até então tinha procurado e possuído várias mulheres. Talvez mais procurado do que possuído. Todas essas o haviam traído também mais tarde com outros homens ou mulheres o que é pior. Achava que de alguma maneira tinha razão naquilo que pensava. O facto de homens e mulheres não serem fiéis não radica na religião mas na biologia, sendo que a biologia radica na religião, que é a capacidade de nos convencermos a nós próprios de que somos boas pessoas, capazes de ajudar, merecedores de algo. Ele não acreditava no amor até encontrar Noémia e a partir daquele dia perdi o interesse nela. E não era pela sexualidade que a iria conquistar. O certo é que estava desactualizado: ninguém quer envelhecer com uma mulher, todos querem de alguma maneira manter-se excitados o maior número de tempo possível para sentirem que estão vivos. A sociedade não me mostrava outra coisa, mas talvez ele estivesse confundindo sociedade com televisão. Com o tempo, criou uma espécie de telepatia com os outros. Da mesma maneira que os outros não lhe falavam, ele não falava aos outros, cansara-se de insistir em mudar quando a chave da mudança está somente ao alcance de uns poucos sortudos. O mundo parecia-lhe cada vez mais injusto, começando por mim próprio, pela minha situação, e ter que estudar a vida de uma mulher que não tinha consciência do que fazia. Chegou a pensar que ela de alguma maneira poderia ter uma dupla personalidade ou amnésia, porque à sua frente ela não se lembrava do que havia feito. Estavam todos se enganando uns aos outros, matando-se uns aos outros em nome de não sei que futuro. Era isso

que ele admirava na religião, a verdade era revelada às claras, mas que tipo de verdade? Que um homem se havia deixado crucificar há dois mil anos em nome do Infinito, imortalizando-se de algum modo? Porque merecia aquele homem e não outros, tão humanos quanto ele, as confissões de jovens adolescentes que precisam só de ser encaminhadas? Afinal de contas não vale a pena insistir na sexualidade, como na religião, que isso é coisa que só a cada um diz respeito. É assim na era do individualismo, em que se insiste que todo o ser humano tem direitos por igual e a imperfeição das coisas é o que mais abunda por aí fora. Como podia ser perfeita a divindade se essa divindade, acreditando nós nela, nos havia criados seres tão imperfeitos. Talvez devesse reformular o conceito de perfeição e de Deus. Contudo, sentia que estava perdendo o seu tempo. Contudo, esse Deus permitia que ele dele duvidasse, permitia a maiores injustiças e tragédias. Que Deus podia ser esse que não a humanidade, o centro da Terra, um acto Criador? E porque desafiávamos Deus por tudo e mais alguma coisa? Se calhar mais valia viver a nossa vida cobardemente, como se isto tudo não fizesse sentido e não nos inquietasse. Talvez esse Deus não quisesse que perdêssemos tempo provando a sua acção e não quisesse que um dia os tectos de nossas casas nos caíssem em cima ou outra qualquer forma de morte física. Ele acreditava contudo, que a vida é um Inferno ou um Purgatório e que aprendemos a ser sensatos com as cabeçadas que damos na realidade. Mas a coisa mais irónica é que sabendo nós a razão das coisas com os anos e o efeito dessas coisas e ideias nas pessoas, não ousávamos levar essas ideias por diante e fizéssemos repetidamente o mal em todas as ocasiões desculpáveis sob a ameaça de não estarmos fazendo nada, de nos sentirmos inúteis. Ele lia poucos livros, não acreditava que as minhas ideias simplesmente eram uma repetição mais ou menos funesta do que os outros haviam pensado em suas vidas disponíveis. Não acreditava em pessoas, mas em ideais, que havia ele de fazer? Naquele ponto da sua vida, estava também sendo tremendamente injusto para com os seus contemporâneos. Exigir-lhe-iam algum dia eles um preço por isso? Teria de procurar trabalho até ao fim da vida. Talvez a sua vida fosse simplesmente mediana e a sua ambição de investigação radicasse numa teimosia qualquer que não compreendia nem lhe permitia compreender porque se tal acontecesse todo o seu mundo soçobraria e teria realmente confusão no seu espírito. A sua mãe dizia-lhe que os outros não sabiam nem podiam saber, mas ele ignorava os seus conselhos e admitia que um conjunto de homens ou mulheres, uma confraria de seres pensantes, conhecia todos os passos e podres da sua vida. Contudo, havia alguém que arriscava chamar-lhe santo em segredo. Que maior injustiça poderia ele incorporar? Talvez fosse esta uma forma de acreditar em Deus, ou na ciência e ele nunca até àquela altura me havia disposto a pensar que as ciências humanas têm uma ambição de compreender o homem quando só a conta gotas a verdade do homem nos é revelada. Com tudo isto, desconhecia ainda por inteiro a personalidade e o rosto do autor dos crimes supostos nas cartas a Noémia. Mas como lhe iria preparar uma ratoeira? Não era homem de se intrometer na vida dos outros desse modo, desde pequeno que desenvolvera o seu mundo e

vivia relativamente bem nele até que um dia, não aguentando mais de humanidade, decidiu virar-se para a observação das pessoas fazendo sexo, não se conseguindo abstrair de tudo isso, entrando em grande prejuízo para si próprio e hipotecando o seu futuro profissional. Simplesmente ali o amor não existia, tinha de procurar noutra lugar, se era o amor que procurava. Trabalhava, trabalhava numa solução para apanhar o bandido e flagrante delito e um dia decidiu ir falar com Noémia a propósito disso. Disse-lhe que teria de fazer uma sessão de stripetise no bar que o bandido, afinal de contas já identificado, frequentada e esperar que ele caísse na ratoeira. Seria assim, através do sexo que poderiam caçar o assassino.

## *Quarto Capítulo*

Levou tempo a descodificar o significado do sobrenome de Noémia. Procurou um antropólogo na Universidade de São Paulo. Tinha-lhe sido indicado por uma bibliotecária da mesma universidade. No Brasil, as universidades dão acesso a autodidactas como ele de pesquisar e falar com especialistas sobre matérias diversas. De modo que se deslocou a São Paulo para falar com Edgar Menides, um especialista de religião tradicional brasileira. Em Portugal havia muito quem soubesse sobre Iemanjá, especialmente em Coimbra e Lisboa, contudo ele queria ouvir e ver algumas das manifestações religiosas brasileiras para compreender até que ponto e de que modo a mãe de Noémia e ela própria haviam sido influenciadas pelo culto a Iemanjá. Mas disso daremos relato mas adiante. Num dos dias de verão em que sentia a emoção em locais inapropriados, como estando longe de uma discoteca e de um ambiente mais expansivo, encontrava-se na aldeia e teria sido obrigado a imaginar. A pouco e pouco fazia planos para ir trabalhar noutra emprego e à falta de diálogo com outros detectives estava frequentemente na situação de imaginar as suas vidas para que quando os encontrasse se achasse preparado. Ser detective não era obra só do indivíduo, mas uma forma de agregar o colectivo numa só pessoa, o que poderia ser auto-destrutivo. Ele era contudo um detective amador. Não se arriscava a levar um balázio por tudo e por nada, em nome da verdade, da justiça. Preferia os casos amorosos, não que estes não tivessem o seu grau de violência equivalente a outros tipos de casos, como dívidas, perseguições políticas ou religiosas. Simplesmente na sua tarefa, Manou Artides julgava que tinha de descobrir outra verdade, uma verdade sobre o mundo e os sentimentos e actuava sozinho. Era um caso isolado. Nunca neste mundo a verdade tinha vindo ao de cima para toda a gente. Muita gente não estava simplesmente preparada para a verdade. Mas afinal o que era a verdade? A verdade científica que nos cegava? A verdade televisiva dos noticiários e talk-shows? A verdade sobre o nosso destino como humanos? A verdade que interessava não fora já anunciada? Quando um homem soubesse toda a verdade tornar-se-ia Deus ou um ditador sanguinário? Não é essa a tentação dos homens de poder actuais? Não se tornou Cristo em Deus, dizendo-se a Verdade?

Na altura em que Artides se apaixonou por Noémia, o país estava em dificuldades. Perdera a esperança de ir trabalhar para outro lugar, fosse mais pobre ou mais rico. Parecia que Portugal atravessava uma crise de crescimento, com um aumento progressivo da igualdade social, mas com casos cada vez mais frequentes de violência de rua e doenças psicológicas. Não sabia até que ponto havia sido assim noutros países mais desenvolvidos, a confiar nas leis da imitação quanto ao desenvolvimento dos países. Perdera Artides o interesse por Noémia. O objectivo não havia sido ir para a cama com ela, mas manter uma relação, num tempo em que manter relações

custava dinheiro. Contudo, eu precisava de manter o interesse pelo caso, quanto mais não fosse porque precisava de um salário. Mas Artides perdera o interesse também por outras coisas da vida. Perdera também um certo sentido de justiça mínima nos actos e emoções, nos pensamentos. A sua mente era uma prisão donde se evadira o seu espírito, que se reproduzia nas palavras dos outros. Contudo, com qualquer pessoa podia ser assim, ele não estava sozinho, não podia simplesmente admitir que estaria sozinho. O seu futuro era um campo aberto de possibilidades utópicas, algumas delas perfeitamente realizáveis. Não podia pedir à sociedade em geral que se preocupasse em arranjar um emprego que queria tanto, uma vida livre de esquemas e todas as chatices de um trabalho normal. Contudo, este trabalho continuaria a fazê-lo, observar mulheres, onde elas dormiam, onde faziam compras, com quem falavam. Que trabalho queria ele melhor? Escolhera a dedo a sua ocupação e como todo o detective, tinha, apensar das frustrações, persistência para resolver os seus casos. Poderia pôr-se a questão do dilema entre observar os outros e observar-se a si próprio. Mas no mundo actual, estas posições já não faziam sentido. Aquilo a que chamamos vida era um constante fluir de ideias, um equilíbrio entre ideias boas e más, que as más chamam as boas e que só pensa bem arrisca-se a ser chamado de Buda. Concerteza que nem todos os habitantes cidadão deste planeta desejam tornar-se monges ou ricos, mas uma vida normal, com compensações pelo seu trabalho. Contudo, a realidade era enganadora, a realidade é o que construímos com a nossa mente. Noémia continuava na sua vida normal e era estranho como o autor suposto assassino não agira. Continuava a mandar cartas, aparentemente estaria a acompanhar a vida sua hipotética vítima como se nada fosse, com um frio calculismo de assassino em série. Porém, um dia, Artides reparou com um homem peculiar num bar da capital, vestido com uma gabardina cinzenta e chapéu, dos seus cinquenta anos, a pé, junto ao balcão desse bar na baixa. A pouco e pouco tinha a impressão de se estar vendo a si próprio, porém, tratava-se de outra pessoa, sem laços de parentesco consigo, mas que parecia simplesmente imitar Artides na sua actividade. Um detective sombra sob a forma de assassino. Quais seriam as motivações daquele homem? Descobriu Artides que era verdadeiramente o autor das cartas quando o viu seguir deliberadamente Noémia uma noite após ela sair das aulas na faculdade. Teria de o interceptar, mas ele poderia alegar o que quer que fosse em sua defesa que o detective nada podia fazer. Tinha de lhe armar uma ratoeira e apanhá-lo em flagrante delito.

## *Quinto Capítulo*

Manou Artides não queria nunca perder essa capacidade de dramatismo que concebia perante o mundo. Era um homem que tirava as suas conclusões, algumas das quais constam deste relato. Um dia, viajava de carro e chovia, a sua irmã grávida conduzia, a sua mãe acompanhava-a. Apesar de todos os seus falhanços, ele estava ainda assim ali, na parte de trás do carro, ouvindo Moby e pensando a vida com dramatismo. Perdera ao longo da sua vida muitas coisas, contudo ganhara a hipótese de sobreviver para dar conta aos outros de uma certa visão do mundo, afinal de contas era nisso que acreditava. Contudo, as coisas não se resumiam a esse dramatismo. Coleccionava factos, longe de ser um colecionador, com que fazia teorias sobre as pessoas e sobre o mundo em geral. A sua tarefa de detective seria de facto um disfarce de escritor do mundo, das coisas do mundo. Perdera o interesse por Noémia mas continuava a segui-la, no seu rol de actividades, como se nada se passasse. Afinal, ainda não se havia declarado, o interesse podia ser retomado, não imaginara como ela alimentava um secreto desejo de viver com ele. Estava atento ao desenrolar das coisas sociais no seu país e via com alguma tristeza que o país não havia progredido na última década. Havia uma espécie de medo de existir nos portugueses que era resolvido com momentos de exaltação nacional como a Expo98 e o Europeu de Futebol. Contudo, o que poderia fazer um simples detective para ajudar a mudar o país? O que é certo é que os detectives são talvez uma espécie de investigadores do social em vias de extinção. Sabem imensas coisas sobre a natureza humana e o que mais espanta é que as coisas nesse país não sejam ditas nos lugares próprios, nas ocasiões próprias. Continuava Manou Artides nos seus dias ocupado com o caso, absorvido, até que chegou um dia em que iriam pregar uma ratoeira ao suposto homem autor das cartas e saber de vez quais as suas motivação. Era uma noite de sábado. Noémia preparava-se nos camarins, Artides falava com ela sobre como reagir a um possível ataque durante a sessão. Viu como era bela enquanto ela se maquiava. Desejava naquela altura dizer-lhe tudo o que sentia por ela, porém pensava que seria sua obrigação antes de mais apanhar o autor das cartas. Quando Noémia actuava a sala estava meia. Era uma casa pouco frequentada. Homens de negócios, pessoas de todas as classes, naquela altura Portugal estava se abrindo cada vez mais também neste campo, conhecendo uma liberalidade se precedentes, mesmo contando com os tempos logo após o 25 de Abril. A maioria das bailarinas era estrangeiras: brasileiras, sobretudo, algumas em clandestinidade. Artides estava pensando nisto quando a música parou e o apresentador se preparou para falar. E agora, meus senhores, a parta da casa, a bela e sensual Naomy. E Noémia entrou, ao som de uma música de Joe Cocker. Onde estaria o assassino, pensou logo imediatamente Artides. Mas não estava entre a assistência. A sessão, pela de beleza e sensualidade, evidenciando o que Noémia tinha melhor, a

arte e o corpo, a sua feminilidade, acabou pouco depois. Artides dirigiu-se por entre a assistência ao camarim da Artista. Quando abre a porta surpreende um homem tirando um revólver do bolso e Noémia à sua frente, desmaquilhando-se. Mas esse se aproximasse ela o veria pelo espelho, mas Artides não lhe deu tempo. Com um pontapé sacudiu a arma de sua mão e imobilizou-o no chão. A jovem desatou aos gritos mas Artides sossegou-a com algumas palavras, Vou levar este artista para interrogatório. Regresse a casa, não corre mais perigo, disse saindo da porta com o autor do suposto crime.

## *Sexto Capítulo*

O interrogatório foi kafkiano, tentar descobrir quais as verdadeiras motivações daquele sujeito. Aparentemente tinha um emprego certo numa empresa estatal. Delineara todo um plano quando observou pela primeira vez Noémia num autocarro. Seguiu-a até casa e a maior parte do tempo passava-o perseguindo-a e estando à espreita no sótão abandonado da casa de Noémia, onde tinha montado uma autêntica central de comando das suas operações. Era de arrepiar o que sabia da vida de Noémia, dir-se-ia mais do que o próprio Artides. Resolvera avançar para o crime porque não obtivera resposta às suas cartas, supostamente Noémia embora perturbada, continuava a sua vida normal. A sua mente era como um labirinto sem saída, de ta modo o encontrou Artides perturbado. Procurou-se a ajuda de um psicólogo conhecido na praça, Benjamim Brites, cuja habilidade para sondar o espírito dos outros partia de um conhecimento bem fundo da natureza psicológica humana e suas motivações. No primeiro dia de interrogatório, Chess Baker, assim se denominava, era de origem norte-americana, mostrou-se pouco receptivo ao diálogo. Insistia que precisava de um advogado e que tinha os seus direitos como detido. Poucas e evasivas eram as respostas às perguntas do detective em primeiro lugar e do psicólogo depois. Contudo, a pouco e pouco foi-se revelando o seu dia a dia. Manou Artides e Benjamim Brites combinaram uma estratégia de perguntas directas alternada com perguntas indirectas, contextuais e foi-se reconstituindo a pouco e pouco o móbil do crime. No segundo dia, Baker revelou que se tinha escondido no sótão da vítima para simplesmente a observar no seu dia-a-dia e que resolvera matá-la por considerar que não seria uma interessante pessoa a quem abordar como desconhecido na rua ou nos locais que frequentava. O que teria Noémia de tão pouco interessante aos olhos do suspeito? Sem dúvida que aqui estava em causa o papel da mulher, que muitos homens fazem de objecto e é estranho como essas coisas persistem nos dias de hoje, mas uma sociedade é o que vemos nela, uma sociedade é para nós o que se passa dentro da nossa cabeça. Não quer dizer que a noção de contaminação não esteja presente, mas essa é tarefa para os cientistas, que se arriscam a ver a cara queimada de tanto discernir sobre o fogo. Manou Artides estava desiludido mas não acabado, muito pelo contrário. Onde muitos desistiam, ele persistia na sua tarefa de encontrar o amor. No caso de Noémia havia uma imagem inicial, ele perseguia essa imagem, desconfiando que ela o havia de levar à pobreza. Tudo isto aconteceu sem que ele se defendesse, no fundo talvez buscasse uma verdade pessoal ou qualquer coisa como o amor. Passara por ele um dia, sentira o amor fortemente no seu coração quando conhecera Tânia Assunção e fora feliz alguns meses. Porém, à descoberta seguiu-se o abandono. Quando ele queria abandonar a tarefa de detective, não que o tivesse de fazer necessariamente amando Tânia, mas naquela altura de 2003 estava disposto a viver com Tânia, mas ela foi-se escoando com a água do banho, até se sumir progressivamente da vida de

Artides. Com Noémia talvez estivesse procurando uma juventude que não havia vivido como os seus amigos. E quando estava em casa era simplesmente porque não tinha dinheiro e quando não tinha clientes não tinha dinheiro. Por estranho que pareça, a profissão de detective tinha alguns pontos em comum com muitas outras profissões, algumas moralmente condenáveis para o comum dos cristãos. O certo é que não havia ainda Artides apanhado a cena toda. Para ele Noémia era uma mulher fácil que se se envolvesse com ele não deixaria de conhecer outros homens. O casamento traz destas contrariedades e aos olhos de Artides o casamento era essencialmente um contrato de fidelidade sexual. Talvez fosse acusado pela história de materialista ou simplesmente como um homem que fizesse das mulheres um objecto. Talvez outras mentes fossem mais diáfanas. Contudo essa crença em nada o ajudava. Talvez devesse mudar de objecto de investigação porque ser detective estava-lhe no sangue. Talvez devesse mudar, mas decerto que se deveria ter de confrontar com o lado violento da natureza humana. Talvez devesse mudar simplesmente de hábitos, não alimentara o desejo de ser detective toda a vida, afinal era um ingénuo, sabia e tinha consciência dos terrenos que pisava. O que havia em Noémia que não havia em outras mulheres? Foi isso que o detective decidiu esclarecer, pois não podia ficar indefinidamente à espera que Noémia o escolhesse como o último dos homens sobre a terra. Talvez fosse voltar ao mito de Adão e Eva, mas Artides precisava de ter uma ideia desde já. Naquela noite fria de Dezembro, telefonou-lhe. Inúmeras perguntas se levantaram na sua mente. Estava ocupado. Muitas perguntas se levantaram no seu espírito. Foi comer qualquer coisa e dali a cinco minutos voltou a telefonar. Que perturbação! Seja como for, vivo ou morto, ela atendeu. Pensava que se tratava de um assunto que tinha a ver com a sua segurança, por isso aceitou que o detective se deslocasse à noite a sua casa. Servido de um vinho do Porto, o detective, já em casa de Noémia Iemanjá, começou a falar. O assunto que me traz aqui é resultado do interrogatório a Chess Klaus, foi um longo interrogatório de três dias, não uma mera conversa de circunstância. Você está livre de perigo. Eu evitei o mal pior, o suposto criminoso estava apenas alterado por mistura de álcool com medicamentos. Ele prometeu, a mim ao psicólogo Benjamin Brites, que não voltaria a alimentar desejo contra si. Resta saber como. Seja como for, ele está preso agora. Não lhe pode fazer mal. Sabe, vou-lhe contar um pouco da história da minha vida. A sua vida não me interessa, argumentou ela, estava o caldo entornado. Estou farto, tem de me ouvir. Quer que vá a um psiquiatra? Porque não ama? Digo-lhe directamente, porque não me ama? Ela ficou confusa, como se não soubesse responder. Ele continuou, como se ela tivesse permitido. Sabe, não sou católico, não me posso confessar, estou cansado de falar com especialistas da mente. Será que não há uma mulher que me entenda? Preciso eu de fazer o bem e o mal, sendo que fazendo o bem não temos merecimento nesta terra, e fazendo o mal ofendemos os outros. Porque é que me colocam tamanhos desafios à mente? Que tenho eu de especial para me sentir atraído por si? Será que não a mereço? Será que não a mereço mais do que uma simples noite? Ela continuava atónita, talvez nunca nenhum homem se

tivesse dirigido a ela nestas termos. Ela tapou-lhe a boca. Sabe, um homem tem de insistir, não basta estar no lugar certo à hora certa. É preciso ter palavras, ter espírito, ter presença, ter um pouco do que o mundo tem, ser apenas um reflexo. Um homem não tem de se humilhar, um homem tem o seu tempo. A resposta de Noémia não podia ser mais convincente. Era as palavras que Artides estava à espera de ouvir. Pronto, já disse o que tinha a dizer, posso ir-me embora?

## *Sétimo Capítulo*

As dificuldades para o lado de Artides iam aumentando. Depois de ser vir embora, como se Noémia não o tivesse compreendido e o tivesse rejeitado, passou dias em casa, sem nenhum caso, procurando fazer sentido, porque afinal sem casos e sem mulheres para investigar a sua vida não tinha sentido. E como fazer sentido se a sua vida não havia sido coerente, se o hiato entre a memória e a experiência era ainda enorme? Buscava talvez ele próprio a verdade sobre si mesmo a meio da idade e quanto mais perto estava ainda estava muito longe. A verdade, fosse ela científica ou existencial, fugia à sua frente como cenoura numa corrida de burros. Era assim que se vivia naquele tempo, já no século XXI, entre a cidade e o campo, entre a solidão e os amigos, entre a indignação e o vício. Até que um dia, o telefone tocou. Era Noémia. Queria dar-lhe uma explicação, disse. Explicação? Sei que já não sou um jovem encantado de amor, mas não merecia a sua ausência, a sua indiferença. Sabe, e preciso de si. Como amigo. Os dias correm difíceis, é muito raro encontrar-se um verdadeiro amigo. Todos temos as nossas necessidades, se é que tenho de explicar o meu comportamento. Mas um amigo, demora anos a construir. Pois, retorquiu o detective, eu sentia paixão por si. O problema talvez tenha sido meu em ter desejo. Não, o problema não foi seu, o problema não é de ninguém. Arrume-se e venha ter comigo na pastelaria Versailles. Às três, não falte. Amigo? Como poderia ser Artides amigo de alguém que ainda amava? Bom, inimigo é que não seria. Talvez precisasse do mimo de uma amiga. Não tinha ido à tropa por não acreditar no espírito das forças armadas, contudo a sua vida em dez anos não tinha evoluído. Talvez uma amiga o ajudasse e lhe desse algum conselho. Contudo, ela era mais nova uns anos. Talvez isso não quisesse dizer nada. A idade nem sempre traz a sabedoria. Na Versailles o ambiente era de nata bem como os pastéis. Em plena avenida da república, lá estava Artides, sempre pontual, naquele Inverno, com calças de fazenda e casaco de fato, camisa branca, sem gravata, com sapatos pretos bem engraxados, o melhor que podia parecer. Não estava endividado face a outros, não cometera nenhum crime, contudo sentia-se um intrometido. Todo o detective tem essa espécie de cerimónia, como se tivesse muito cuidado no trato com as pessoas. Como conhecer uma sociedade que era violenta na sua essência? Os maus tratos, as violações, tanto homens como mulheres sofriam nesta sociedade que procurava transformar-se. Dava-se muita atenção ao que vinha de fora, à novidade, mas dentro do país todos se guerreavam com estocadas. Alguma coisa tinha de mudar, não para sermos como os outros, mas para sermos o melhor de nós mesmos. Noémia chegou ainda preocupada com a sua segurança. Ele está mesmo preso, detective? Cara Noémia, o homem está preso. O facto de ser americano não quer dizer nada. Em todos os países há os bons e os maus e nós conhecemos ambos, não quer dizer que por causa disso um país deixe de existir, porque quando uma sociedade for perfeita acaba-se tudo. Mesmo as sociedades nórdicas tiveram o seu

caminho e vivem dificuldades e tensões interiores. Olhe para mim, eu sofro por este país no anonimato, dou demasiada atenção à televisão, acho que devia ser mais educativa, inclusive acho que a Universidade Aberta deveria de ter mais tempo de antena. Seja como for, há uns vinte anos atrás estávamos muito pior. Mas, enfim, não a vou aborrecer com as minhas considerações sobre o estado do país. O que quer de mim, Noémia? Detective, quero que não se perca esta amizade e que dure por mais anos. Você conhece-me bem, eu conheço-o relativamente bem. Num país normal devíamos unir os trapos e casar-nos, contudo eu ando ainda à procura do meu príncipe encantado e digo-lhe amavelmente que não me parece seja você, detective. Mas porquê eu? Altercou o detective. Você é uma pessoa especial. Nunca pensei fazer sexo consigo, muito menos o amar. Mas quanto a amar, talvez tenha perdido essa capacidade, no entanto, deixe-me esperar pelo meu príncipe. Está bem, farei como diz. Contudo lembre-se de que eu também procuro a minha Cinderela mas não vou resumir a minha vida a essa procura. Despediram-se por esse dia. O detective continuava a ter trabalho. O principal era continuar ocupado.

## *Oitavo Capítulo*

Artides pôde ocupar-se então de outros casos que não só de mulheres perseguidas. Dentre as várias interrogações que lhe iam surgindo a principal é o que seria a felicidade se ele tinha provado aquela poção mas não a havia consumido. Sua autora fora uma mulher admirável, leviana é certo, mas fiel em cada relação, talvez as mulheres levianas sejam também admiráveis porque em certo sentido não estão cumprindo um destino social e decerto buscam um sonho de um príncipe encantado, fazendo jus ao tema amor e uma cabana. Outra reflexão que lhe ocupava o tempo seria se a vida para além da morte teria alguma coisa a ver com a vida neste planeta, o que seria realmente não podia imaginar, estava já pensando na velhice, essa idade em que talvez se tenha tempo para pensar e tudo. Se a vida na terra é feita de tantos problemas, desilusões e tão poucas alegrias estaremos nós condenados a contemplar esta vida depois da morte? Viveremos uma espécie diferente de vida? Como será? O amor por Noémia não se tinha apagado, seguia ainda o seu caso, mas já nada era como dantes. Além do mais Artides podia conhecer outras mulheres. Mas não o caso. O homem quase enlouqueceu porque não esquecia Noémia. Noémia para aqui Noémia para acolá. Seu pai era um estranho em casa, parecia sofrer mas nunca se queixava. Gostaria ele de sofrer? Tinha um amigo de infância da aldeia que tinha tirado antropologia e estava desempregado há mais de dez anos. Parecia que ninguém dava por isso. Mesmo assim, procurava no seu caminho alguma coerência. Nem sempre conseguia. Sentia-se extremamente sozinho, mais do que Artides. Tudo porque havia decidido fazer as coisas de modo diferente. Para bem dos outros. Era tempo de pensar egoisticamente. Não tinha ganho nada em ser diferente, no meio de indiferentes. Manuel Antunes, assim se chamava o amigo, vivia ainda com os pais. Tinha a idade de Artides. Ninguém reparava na sua situação, estava chegando a um limite intolerável. Em Lisboa não podia dormir, em casa dos pais tinha acessos de loucura, estava em crer que enlouquecera. Por vezes tinha rasgos, ideias, lembranças do amor, contudo todos o haviam abandonado, agora que estava pobre, sem emprego, sem dinheiro, sem namorada, sem filhos, sem casa, sem o carinho de uma mulher. Manuel Antunes confidenciava a Manou Artides numa conversa várias coisas que o deixaram atônito. Sabes, amigo, eu acho que tomei uma poção de amor e não estou curado disso. Amei uma mulher com quem pensava fazer vida, ter uma casa para partilhar, mas ela abandonou-me. Eu não sei porquê, esse é o meu grande problema. Não faço a mínima ideia porque é que ela me ignorou, deixou de falar. Encontro-me nesta situação e agora talvez compreenda como um sem-abrigo vai parar à rua. Agora, mais do que nunca, odeio os ricos, que ignoram, que são indiferentes. Oxalá um dia se eu for rico não seja como os outros. Hás-de sempre ser tu próprio, aconselhou Artides. E Manuel Antunes continuou. O que mais me insatisfaz é a falta de respostas. Talvez

deva ser mais calculista, confiar menos das pessoas e finalmente refugiar-me numa espécie qualquer de cobardia. Aos olhos da sociedade eu sou um homem não economicamente viável, por isso estou à margem de tudo. Contudo, mesmo assim, no meio de tanta frustração e azar, ainda me considero um homem com sorte, porque tenho perspectivas, sonho amar verdadeiramente uma mulher, ter uma casa, um trabalho, comprar os meus livros, enfim, ter uma vida normal. O certo é que nem todos podem aspirar a esse tipo de vida. Muitos procuram incessantemente, outros ficaram já pelo caminho. É estranho ter uma visão destas das coisas da vida, mas a experiência e o anonimato levaram-me a pensar assim, compreendes? Claro, manuel, mas tu não podes querer fazer tudo ao mesmo tempo, tens de ir passo a passo, sobretudo tens de fazer opções. É isso que tens de fazer. Compreendo, talvez não seja assim tão difícil, concluiu Manuel Antunes. Na quela dia despediram-se. Começava a fazer frio e chovia torrencialmete. Cada um foi para sua casa. Nesse dia, mais uma vez, Manou Artides telefonou a Noémia.

## *Último Capítulo*

Desse telefonema combinaram novo encontro. Desta vez seria às claras, em plena Praça da Alegria, no pequeno jardim que lá está. Ela apareceu um pouco atrasada, mas para Artides valeu a pena ouvir o que ela disse. Manou, eu estou disposta a viver consigo. Podemos experimentar, sabe, pensei muito e acho que é o melhor para mim, estar consigo. Mas você ama-me? Amo, Artides, sempre amei, julgo que fiz muita burrice porque não queria simplesmente encarar a felicidade, tinha medo que ela me escapasse. Sabe o que me fez sofrer? Indagou Artides. Sei, se, mas esqueça tudo isso agora, leve-me a algum sítio especial ou vamos passear um pouco pela rua, lembrando os tempos antigos. Na realidade Manou Artides estava verdadeiramente surpreso. Não contava com aquela atitude por parte de Noémia. Todo aquele tempo havia esperado que Noémia lhe pedisse para a amar, mas fora a ele que lhe pedira. Afinal de contas um homem tem de tomar a iniciativa. Depois, como que havia posto de lado a hipótese de poder realmente amar Noémia. Mas com estas afirmações, tudo voltava a ser como dantes. Caminhando à beira rio, conversaram longamente sobre o futuro que poderiam ter juntos. Lembraram os tempos que passaram no verão, indo até à praia, falando de tudo e mais alguma coisa. Artides não desconfiava que ela o amava à sua maneira, mas com esta atitude, tudo estava no lugar. Fizeram amor nessa noite. Pela primeira vez, Artides dormiu com uma mulher a seu lado. Foi em casa dela e muito estava ainda para vir. Talvez um filho. Talvez a felicidade.